

APRESENTAÇÃO

*Dizem que este rio, mais longe atravessa a cidade.
Duvido. Este rio que nem português fala, este rio
repleto de peixes que só conhecem os seus nomes em
shimakonde, não acredito que deixem entrar este rio
na cidade. Também a mim me interditarão passagem,
se algum dia bater à porta da capital.*

Mia Couto. *A confissão da leoa*, 2012.

Vou vendo o que o rio faz
Quando o rio não faz nada.
Vejo os rastros que ele traz,
Numa sequência arrastada,
Do que ficou para trás.

Fernando Pessoa, *Poesias*, 1942.

Abrimos com o presente volume o ano de 2016. Um ano que de início já mostra tantos meandros, serpenteia por rochas, ondula terreno abaixo e carrega de 2015 a pesada lama tóxica que deixou para trás, cobertas de castanho, as pequenas Águas Claras, Ponte do Grama, Bento Rodrigues, Paracatu e Pedras.

O rio Doce atravessou cidades, mas continuou incomunicável nas suas línguas, exceto para os *Borum do Watu*, para quem o rio é sagrado, *é rio nosso pai*. Um crime ambiental interdita o rio. Interdita os moradores da região de Mariana. Interdita os Krenak. Interdita todos nós.

Neste pequeno espaço, seguimos navegando por um rio de vozes difusas. Que uma polifonia de cantos atravesse essas águas, e possa ser ouvida. Sem interdições.

* * *

Este volume se abre com vozes em poesia. Com o que pode ser hoje uma escrita poética nas escolas; um tornar possível dar ouvidos aos poemas, em experiências estéticas e críticas. É com sensibilidade às possibilidades criativas da língua portuguesa em salas de aula que Ana Elvira Luciano Gebara, da Universidade Cruzeiro do Sul e da Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas, ambas em São Paulo, traz-nos o relato do *alvoroço* de seus alunos às voltas com o desafio de ouvir e de fazer poemas. *Por cauda da redondilha...: agência e autoria em um gênero poético* é o relato dessas experiências de lidar com a rigidez das formas, com as coerções das métricas, rimas e ritmos, e buscar nelas o que interrompe e abre espaço para o improvisado, a subversão. Desafio ou tarefa, a proposta era *cobrir de redondilhas* a toada da infância, o que gerou momentos de tensão, de obstáculos, de recusas, mas também de diálogos, busca de novas estratégias, deslocamentos para outras fontes de pesquisa, e até a tirada bem humorada que serviu de título ao artigo.

Explorando as *margens da palavra*, Rodrigo Borba, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, põe em discussão as formas como modelos de referência, nomeação, interlocução, textualização performam nossos corpos. Partindo de Foucault, filho de pai médico que reconhece em sua caneta uma velha herança do bisturi, o autor nos remete de saída à questão da clínica, da demanda diagnóstica, da patologização, na qual também reconhece a necessidade de considerar a etnografia goffmaniana. *Receita para se tornar um "transexual verdadeiro": discurso, interação e (des)identificação no processo transexualizador* não é, certamente, uma prescrição, nem uma fórmula a ser preparada e administrada. O foco do trabalho parece estar mais precisamente nas formas como nossos olhares constroem nossos dados, o que se pode ouvir no descompasso entre as narrativas de vida de Verônica (usuária Programa de Atenção Integral à Saúde Transsexual) e o modelo (de acordo com diagnóstico psiquiátrico) de "transexual verdadeiro" buscado nelas pela psicóloga que a entrevista.

Na correnteza das multimodalidades, começamos aqui com um estudo que associa tecnologias do audiovisual, acessibilidade e discussões sobre identidades. Produzir e veicular curtas acessíveis para integrar a programação de um festival de cinema: esse foi o centro da proposta analisada por Dorotea Frank Kersch e Renata Garcia Marques, ambas da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, RS, no artigo *Sáimos do cinema de alma lavada: multiletramentos e trabalho interdisciplinar na produção de curtas de acessibilidade midiática*. O trabalho foca um projeto coletivo com professores da

rede municipal de São Leopoldo que tinha como objetivo a qualificação docente interdisciplinar para a utilização de tecnologias de promoção da acessibilidade midiática. As autoras discutem como, no processo de realização da oficina, os participantes, além terem a oportunidade de se familiarizarem com recursos como legendagem, audiodescrição e língua de sinais, tiveram que se alternar nos papéis de docentes e alunos para buscar e testar soluções. Nesse exercício performático de “se colocar no lugar do outro”, emergiram debates e novas percepções sobre identidades na relação entre professores e alunos em sala de aula.

Seguindo por essas mesmas águas das tecnologias de audiovisual na educação linguística, Leonardo Lucena Parisi e Nick Andon, os dois do King’s College London (Reino Unido), discutem o uso de filmes para o ensino de inglês em um curso de conversação para alunos brasileiros, realizado na Universidade Federal da Paraíba. Em *The Use Of Film-Based Material For An Adult English Language Course In Brazil*, a multimodalidade é tomada como uma ferramenta para aprendizagem de língua estrangeira, os autores mostram as grandes potencialidades que os materiais fílmicos têm nesse contexto, principalmente, no aspecto motivacional e na ampliação das referências culturais. O artigo traz um amplo debate sobre o tema, dialogando com a bibliografia atualizada, e também apresentando questões práticas e propostas de aplicação.

Tratando ainda das multimodalidades no ensino de línguas adicionais, o artigo *The Impact Of Multimodal Instruction On The Acquisition Of Vocabulary* apresenta um estudo sobre o uso de recursos multimodais em aulas de inglês e a eficácia em termos de aquisição de vocabulário. Os autores – Claudio Heraldo Díaz Larenas, Melisa Millaray Acuña Cárcamo, Romina Amanda Concha Cartes, Ninoska Ester Estrada Velásquez, todos da Universidad de Concepción (Chile) – apresentam um apurado acompanhamento dos avanços de aprendizagem de quatro turmas de ensino básico e secundário em duas escolas particulares subvencionadas no Chile. Por meio da aplicação de testes antes e depois de intervenções didáticas que exploraram atividades visuais, auditivas e cenestésicas em sala de aula, o estudo aponta, não apenas o significativo aumento na aquisição de vocabulário, como também a preferência dos estudantes pelas propostas multimodais.

Como lidar com o imprevisível em testes de avaliação de proficiência em línguas? Que procedimentos considerar quando se trata das estratégias do leitor para compensar eventuais dificuldades? Como controlar os critérios do avaliador? A proposta de Paolo Torresan, da Università Ca’ Foscari de Venezia, é trabalhar com o refinamento dos descritores, de forma a tornar os testes mais rigorosos e confiáveis. No artigo *Analisi della predittività di item tratti da prove di comprensione della certificazione .IT per la fascia di competenza dell’ autonomia*, o autor aplica um cálculo do índice de previsibilidade

a provas de compreensão, explicitando alguns parâmetros (conhecimento prévio do assunto, senso comum-obviedade, correlação entre os itens, intuição...) que permitem justificar os graus de previsibilidade. O retorno aos resultados da análise realizada permite verificar o que falhou na proposta, os fatores mais recorrentes, e levar em consideração tais resultados.

Ainda avistando os materiais de ensino de línguas adicionais, o trabalho de Juliana Orsini da Silva, da Universidade Estadual de Londrina, percorre diversos contextos sócio-históricos da produção de livros didáticos de inglês no Brasil. No artigo *Professores de Línguas e Programas do Livro Didático*, a autora toma o livro didático a partir de uma perspectiva histórico-política, buscando compreender os diversos mecanismos associados à sua produção, como também à distribuição e à circulação. Analisa as políticas de gestão de materiais para educação e o espaço de diálogo com os professores de inglês – tanto na esfera dos programas públicos, como da produção comercial. A conclusão aponta para um caminho marcado por fortes exclusões, permeado “por práticas autoritárias, de regulação, de interesses políticos, ideológicos, sociais e econômicos, que contribuem para o enfraquecimento da autonomia do professor”.

Este volume se encerra como começou, falando de escrita. Não a escrita poética que *repercute a infância*, a escrita que *pega delírios*, mas a escrita que traz para si as palavras de outros como argumentos de autoridade em produções acadêmicas. Para Cosme Batista dos Santos, da Universidade do Estado da Bahia, o trabalho com a “citação” no letramento acadêmico revela-se um objeto privilegiado para compreender essa escrita de pesquisa. *A prática da citação na universidade: as referências à informação científica em trabalhos acadêmicos* investiga os modos de referência ao discurso teórico em diferentes países e contextos socioculturais (duas universidades brasileiras e uma universidade portuguesa), mostrando como os estudantes fazem referências ao discurso do outro, reformulando-o, evocando-o.

A voz de uma passarinho me recita, diz Manoel de Barros, o poeta guardador de águas.

Boa leitura!

Viviane Veras (IEL/Unicamp)
Daniela Palma (IEL/Unicamp)